

GRAMATICALIZAÇÃO VERSUS PRAGMATICALIZAÇÃO: O CASO DOS MARCADORES TAGS

Megan Duque Estrada
Universidade Federal do Pará

- **RESUMO:** *Este trabalho, que pertence à área da Análise da Conversação, analisa o uso de marcadores lingüísticos pragmáticos integrantes do discurso em narrativas orais do projeto integrado IFNOPAP. É um estudo qualitativo, empírico-indutivo de partículas né, sabe, viu, entendeu, tá, certo etc., que mostra como se enquadram nas pesquisas sobre pragmaticalização.*
- **PALAVRAS-CHAVE:** *Marcadores Lingüísticos, Pragmaticalização; Narrativa.*
- **ABSTRACT:** *This is a paper in the field of Conversational Analysis that studies de use of linguistic markers as pragmatic particles present in oral narratives collected by a research project called IFNOPAP. It is a qualitative analysis based on recurrent elements such as né, sabe, viu, entendeu, tá, and certo which shows how they have changed through a pragmaticalization process.*
- **KEY WORDS:** *Linguistic Markers; Pragmaticalization; Narratives.*

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla, que tem por objetivo identificar as características e funções dos Marcadores Discursivos (MDs) em narrativas orais paraenses coletadas pelo projeto Integrado IFNOPAP. A abordagem é lingüístico-pragmática e segue a orientação da Análise da Conversação. Interessa-nos observar o uso de Marcadores Tags (MTs) como partículas pragmáticas integrantes do discurso no tipo de texto oral identificado como narrativa. Fazemos uma análise qualitativa, empírico-indutiva, dessas partículas, que denominamos de *tags*, tais como *né, sabe, viu, entendeu, tá, certo*, etc. e mostramos como se enquadram nos estudos sobre *gramaticalização e pragmaticalização*.

2 MARCADORES TAGS

Os MDs são partículas lingüísticas que têm recebido maior atenção de pesquisadores que apontam seu foco de interesse para a análise de textos orais, apesar de se fazerem também presentes na produção escrita. Não há ainda uma classificação precisa e/ou definitiva dos tipos de MDs existentes, mas, na literatura lingüística especializada, é possível encontrarmos diversas tentativas de classificação, que variam de acordo com o ponto de vista do pesquisador e com a linha de pesquisa por ele adotada.

Risso, Silva & Urbano (1996) tratam os MDs como

um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. (p. 22)

Esses pesquisadores preocuparam-se com a necessidade de “estabelecimento de traços básicos identificadores do estatuto dos Marcadores Discursivos, capazes de conduzir a uma definição mais precisa e operacionalmente viável de sua natureza” (p. 22).

O termo *Marcador Discursivo* não é o único utilizado na classificação dos elementos que estamos estudando; no Brasil, eles são mais conhecidos como *Marcadores Conversacionais*, por influência dos estudos sobre a oralidade; na literatura estrangeira mais recente, eles são encontrados como *Marcadores Pragmáticos*.

O termo *tag* pertence à Gramática Inglesa. Uma estrutura classificada como *tag* pode variar desde uma produção curta, como o *né*, até seqüências um pouco mais longas como *não é verdade*, e muitos são os fatores que motivam a sua produção, além de ser variada a interpretação pragmática que os interlocutores têm de sua utilização.

Acreditamos que a formação de *tags* nas diversas línguas que utilizam esse artifício possuam os mesmos aspectos fundamentais, entretanto, atualizados de formas diversas de acordo com cada idioma e até grupo lingüístico. Tomando o Português como exemplo, é possível verificarmos diferenças de uso dos MTs entre as várias modalidades regionais brasileiras, assim como entre o Português falado no Brasil e o falado em Portugal e, certamente, entre as suas muitas falas também. A título de ilustração, podemos citar o uso de *não sabe*, que ocorre em Recife mas não em Belém, e a utilização tão corriqueira do *pois não* português, que não possuímos no elenco dos MTs brasileiros.

Os MTs podem ser constituídos de:

- a) *palavras isoladas (sabe, entendeu, viu, certo);*
- b) *locuções (não é, não sabe);*
- c) *contrações (né);*
- d) *reduções (tá);*
- e) *segmentos fônicos não dicionarizados (hein), e pertencer a classes de palavras variadas, a saber:*
 - a) *verbo (sabe, entendeu, viu, tá);*
 - b) *advérbio (já);*
 - c) *interjeição (hein);*
 - d) *adjetivo (certo, correto);*
 - e) *formação mista (não é, pois não).*

3 MARCADORES TAGS E VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA

A utilização de MTs é uma estratégia lingüística que atende a variadas funções e contribui para a organização e orientação do texto oral e para a construção da sua coerência. Como nosso estudo está intimamente ligado a um tipo específico de texto, as observações também dizem respeito à sua estrutura formal e a alguns elementos que participam da elaboração de uma história.

O estudo dos marcadores em geral está intimamente relacionado ao estudo dos processos de variação lingüística, no sentido em que, de forma praticamente unânime, eles são produto da evolução da língua. Fazemos essa ressalva motivados pela reflexão acerca das formas não lexicalizadas (eh, ah, hum, hein, etc.) e dos marcadores não-lingüísticos (gestos, olhares, etc.). Os trabalhos sobre essas entidades não tratam de marcadores nessa linha e, portanto, não podemos fazer declarações mais pontuais a esse respeito, pelo menos por ora.

Os MTs, objeto de nossa pesquisa, são expressões lingüísticas que assumiram funções pragmáticas diversas das funções gramaticais que apresentavam em estágios anteriores de evolução da língua. Isso, entretanto, não significa dizer que todas as funções e todas as formas das quais eles são originários desapareceram do discurso; muitas delas encontram-se ainda em uso corrente, ou seja, elas coocorrem com as novas formas. É possível haver, em uso, mais de uma forma lingüística oriunda de um único termo, assim também como é possível haver mais de uma função para uma mesma expressão lingüística.

Os MTs sofreram mudanças semânticas, morfossintáticas e funcionais caracterizadas por Martelotta, Votre e Cezario (1996) como *discursivização*. Segundo estudo de Vincent, Votre e Laforest (1993), este seria um processo mais avançado de mudança lingüística conhecido como *gramaticalização*. Um outro termo também utilizado para nomear esse tipo de variação lingüística relacionada principalmente aos marcadores lingüísticos — *pragmaticalização* — é adotado por Stenström (1996). A distinção que os autores apresentam entre *gramaticalização* e *discursivização* prende-se ao fato de que, na *discursivização*, ao contrário do que ocorre na *gramaticalização*, o item apresenta-se menos previsível no que diz respeito ao seu uso. Ele assume funções mais diretamente relacionadas ao processamento do discurso, com maiores possibilidades no que se refere a sua localização no texto.

Segundo nosso entendimento, o termo *pragmaticalização* é mais apropriado, especialmente tratando-se de MTs, uma vez

que ele especifica o tipo de mudança que o marcador sofre em sua evolução. Ele seria uma espécie de subdivisão dentro do processo mais geral de gramaticalização. O termo *discursivização* não dá conta da especificidade dos termos, a não ser que os autores restrinjam o termo *discurso* ao processamento e à organização textual. Não vemos razão para a utilização do termo *discursivização* em oposição a *gramaticalização*, uma vez que os próprios autores argumentam que “gramática e discurso não são conceitos separados, mas, ao contrário, constituem uma simbiose: a gramática molda o discurso e o discurso molda a gramática” (Martelotta, Votre & Cezario, 1996, p. 49). O termo genérico *gramaticalização* pode ser aplicado aos dois casos e, havendo necessidade de uma especificação maior, de um detalhamento quanto ao tipo de mudança operado, podemos utilizar o termo *pragmaticalização*.

Tanto as pesquisas de Martelotta, Votre e Cezario quanto as de Stenström baseiam-se mais diretamente no trabalho de Hopper & Traugott (1993). Eles adotam o paradigma da gramaticalização enquanto “the process whereby lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions, and, once grammaticalized, continue to develop new grammatical functions” (Hopper & Traugott, 1993, p. 15).¹

As propostas de desligamento do significado que caracterizam, de modo abrangente, o processo de gramaticalização sugerem que as formas associam-se a novos significados progressivamente mais abstratos.

Prevê-se que, nos estágios finais da trajetória de mudança, os mecanismos de processamento serão mais automáticos e menos transparentes para cada item da língua. Esses estágios finais estão sendo rotulados de *discursivização*, em que os itens, além do empaldecimento do significado,

¹ “Processo pelo qual itens lexicais e construções sintáticas, em certos contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (Hopper & Traugott, 1993, p. 15).

passam a perder suas restrições de ocorrência. Começam a ocorrer em outros contextos que não aqueles que lhes eram originariamente reservados como regulares e previsíveis pelo sistema da língua. Ao mesmo tempo, passam a significar coisas mais genéricas, menos específicas, mais vagas (Martelotta, Votre & Cezario, 1996, p. 36).

Segundo Votre (1996, p. 38), o processo de gramaticalização é “contínuo e irreversível” e “o ponto de equilíbrio e transparência na relação entre forma e significado” está em desgaste e modificação constantes. Os efeitos desse processo na *forma* dos MTs verificam-se pelas seguintes características:

a) redução fônica

não é verdade... → *né* → [n]

está certo/bem... → *tá/certo*

b) cristalização

Diferentes	saber	→ <i>sabe</i>
peças e tempos	entender	→ <i>entendeu/entende</i>
dos verbos	ver	→ <i>viu</i>

No *significado*, os efeitos do processo de variação imposto pelo uso são percebidos pelo progressivo esvaziamento semântico que os itens passam a apresentar em relação a significados das formas anteriores. Ocorrem “processos de abstratização e genericização, indistinção progressiva e eventual esvaziamento semântico” (Votre, 1996, p. 39). Observem-se os exemplos [01], [02], [03] e [04]:

[01]

KN02Czter2706 94-IX (2227)	<i>Simplesmente ela cansou de ir, de estar indo lá todo tempo, só que ela não sabia que ela já estava sendo quase possuída pelo, pelos espíritos daquelas pessoas que estavam naquele túmulo, mortas.</i>
-------------------------------	---

[02]

A04CZmrb2205 94-iv (160)	<i>Você não sabe se é um bicho que está atrás de ti ou está na tua frente, ou se ele está voando, né?</i>
-----------------------------	---

[03]

CL08Czmar160 594-II (178)	<i>Apontando com o dedo e eu não enxergava. Te juro! Eu fiquei com medo. Só ela é que via, porque eu não via. Ela conversava sozinha com ela. No interior, né? Eu fiquei besta de ver aquilo, sabe? Só que eu não enxergava era a cabocla, não via mesmo ela.</i>
------------------------------	---

[04]

CL08Czmar160 594-II (178)	<i>Diz que ela é bonita, sabe? Chamam essa tal de Caiporinha, Caipora que chamam.</i>
------------------------------	---

Saber, verbo proveniente de *sapere* (ter gosto), do latim, passou, inicialmente, por um processo de transferência metafórica assumindo também o sentido de *conhecer*, e incorporando-o ao português². Mais tarde, passou a ser utilizado como pergunta retórica, modalizador discursivo, indicador de reformulações, marcador de tópico, preenchedor de pausa, entre outras funções pragmáticas. Nos exemplos [01] e [02], *saber* possui o sentido de *ter conhecimento, ciência ou informação*, mas nos exemplos [03] e [04] esse sentido foi esvaziado, dando lugar a uma *função pragmática*. No segundo e no quarto exemplos não se trata mais do verbo *saber*, mas do *MT sabe*.

Dos sete tipos de mudança lingüística apresentados por Martelotta, Votre & Cezario (1996, p. 48), o quarto ilustra uma das características mais marcantes dos MTs:

² *Saber* não perdeu o seu primeiro sentido ligado a uma percepção gustativa ao incorporar um outro sentido que expressa uma percepção lógica. As duas formas ainda podem ser encontradas em português, mas a primeira é muito mais comum, hoje em dia, em Portugal do que no Brasil! Observe os exemplos: Este bolo *sabe* a mofo. Este assado não *sabe* bem. Eu sei qual é o teu apelido de infância. Não sabemos ainda o que aconteceu com o barco. Como MT, *sabe* é muito mais comum à modalidade do português falado no Brasil.

A trajetória de elementos lingüísticos de mais referencial a menos referencial, caracterizada pela perda de significação de referentes extralingüísticos e aquisição de significados baseados em dados pragmáticos, relativos a estratégias comunicativas dos participantes, e em dados textuais, relativos à organização interna dos argumentos no texto.

Risso, Silva & Urbano (1996, p. 49) estabeleceram traços básicos identificadores dos MDs que, pela sua regularidade nas unidades sob análise, enquadram os Marcadores Discursivos como uma nova *classe* de palavras. Alguns desses traços formam um *núcleo comum* bem estabelecido e “é em cima desse núcleo-piloto que as demais variáveis são preenchidas dentro de limites de flexibilidade mais ou menos previsíveis e descritíveis.” O núcleo identificado é composto de três traços, a saber:

- 1) *A exterioridade dos MDs em relação ao conteúdo proposicional;*
- 2) *a independência sintática; e*
- 3) *a falta de auto-suficiência comunicativa.*

Comparando o que é proposto por Risso, Silva & Urbano (1996, p. 49) para os MDs com o que propõem Martelotta, Votre & Cezario (1996, p. 48) para as formas que sofrem discursivização, observamos que o que indicam os últimos está diretamente relacionado ao item 3 dos primeiros e indiretamente aos itens 1 e 2 dos mesmos. Os dois trabalhos, apesar de trilharem caminhos teóricos diferentes, chegam a pontos comuns em relação às características dos marcadores. Nesse particular, observamos que a *família* de MTs enquadra-se perfeitamente nas descrições fornecidas pelos autores. Podemos dizer que eles passaram por um processo de pragmaticalização que os tornou membros do conjunto dos MDs, pois gradativamente foram adquirindo as características dos elementos dessa classe de palavras.

4 CONCLUSÃO

Estudos sobre as características, as funções e o uso dos MDs, e dos MTs em especial, muito podem esclarecer a respeito de estratégias comunicativas e de organização e coerência textual. Desde a publicação do livro *Análise da Conversação*, de Marcuschi (1986), muitas pesquisas foram feitas a respeito de variadas partículas pragmáticas no português do Brasil. Como pudemos observar, ao longo de mais uma curta análise, há mais de uma corrente para explicar o funcionamento lingüístico desses elementos discursivos e, certamente, enriquecer os conhecimentos sobre textualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HOPPER, P. J., TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios, n. 82)
- MARTELOTTA, M. E., VOTRE, S. J., CEZARIO, M. M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- RISSO, M., SILVA, G., URBANO, U. *Marcadores discursivos: traços definidores*. In: KOCH, I. (org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996. V. 6, Desenvolvimentos, p. 21-94.
- STENSTRÖM, A. B. *Pragmaticalization: cos in teenage talk*. 1996. MD.
- VINCENT, D. S., VOTRE, S. J., LAFOREST, M. *Grammaticalisation et post-grammaticalisation*. *Langues et Linguistique*, Québec, n. 19, 1993.
- VOTRE, S. J. Um paradigma para a lingüística funcional. In: MARTELOTTA, M. E., VOTRE, S. J., CEZARIO, M. M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. P. 27-43.